



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



**TRABALHO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E SERVIÇO SOCIAL:** precarização do trabalho docente em tempos de crise

**Jerilee Silva de Arruda<sup>1</sup>**  
**Rachel Gouveia Passos<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Ao longo da formação profissional, suscitaram indagações e reflexões sobre a qualidade da formação profissional dos discentes do curso de Serviço Social em virtude da precarização. A partir desses questionamentos, foi que, surgiu o interesse em desenvolver a presente análise, apresentando as condições do fazer profissional do assistente social enquanto trabalhador docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho Docente; Precarização; Serviço Social.

**ABSTRACT:** Throughout the training, they have raised questions and reflections on the quality of vocational training of students of the Social Work course because of precariousness. From these questions, it was that, there was interest in developing this analysis, stating the conditions of professional do the social worker as a teacher worker.

**KEYWORDS:** Teaching Work; Precariousness; Social Work.

## **EIXO TEMÁTICO III: SERVIÇO SOCIAL, FUNDAMENTOS, FORMAÇÃO E TRABALHO PROFISSIONAL**

**Tema: formação e trabalho profissional**

---

<sup>1</sup> Graduanda em Serviço Social pelo Centro Universitário Anhanguera de Niterói (UNIAN). E-mail: [jerilee\\_arruda@yahoo.com.br](mailto:jerilee_arruda@yahoo.com.br). Telefone: 21 3710-7126. **Apresentadora do trabalho.**

<sup>2</sup> Assistente Social, Doutoranda em Serviço Social pela PUC/SP e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ética e Direitos Humanos da PUC/SP. E-mail: [rachel.gouveia@gmail.com](mailto:rachel.gouveia@gmail.com). Telefone: 21 99129-8681.

## **1. INTRODUÇÃO**

A partir de indagações e reflexões construídas ao longo do percurso da formação profissional, temos percebido e questionado a precarização do trabalho, especificamente, no que diz respeito ao trabalhador docente em Serviço Social. Nesse sentido, é através do entendimento de que o trabalho é a categoria central da sociabilidade humana, que se torna imprescindível a discussão dos embates das transformações realizadas no mundo do trabalho e a acometida do neoliberalismo nesse espaço sócio ocupacional.

A temática da precarização do trabalho não é mais uma novidade nos debates acadêmicos por ser intrínseco ao cenário contemporâneo, porém, é de suma importância analisarmos as diferentes formas de manifestação desse fenômeno que ao longo dos anos vem se metamorfoseando e se tornando cada vez mais latente assumindo dimensões radicais com profundas obstacularizações ao desenvolvimento de um fazer profissional mais qualificado, crítico e emancipador.

Desta maneira, o capitalismo na contemporaneidade vem conquistando seus objetivos em relação à educação, pois se sobrepõe e se descaracteriza em relação ao trabalho docente em uma forma de proletarização deste trabalho, tornando-o cada vez mais mecanizado, racionalizado, gerenciado e esvaziado de seu conteúdo científico, concretizando-se gradativamente na expropriação do conhecimento dos docentes e proporcionando uma desqualificação da formação nas universidades brasileiras. Portanto, a presente análise tem a pretensão de apresentar elementos sobre a temática a partir da pesquisa bibliográfica e da vivência de uma formação precarizada em uma universidade voltada para a lógica mercantil<sup>3</sup>.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1.A centralidade ontológica do trabalho**

---

<sup>3</sup> - "Ao lado do EAD, crescem os cursos privados, que muitas vezes são de baixa qualidade, em razão das condições e relações de trabalho às quais os docentes encontram-se submetidos: contrato horista, ausência de pesquisa e extensão, turmas enormes, estágios que não asseguram supervisão acadêmica e de campo articuladas. A face atual da educação pode ser assim explicitada: pragmática, competitiva, flexível e aligeirada, submissa como jamais foi à economia e ao mercado, ao produtivismo, ao quantitativismo, à mediocrização, atribuindo superioridade ao individual sobre o coletivo, ao sucesso pessoal e a vantagem competitiva" (GUERRA, 2013, 246).

Marx (1983) nos diz que a relação do Ser Social com o mundo surge a partir do processo de conscientização que, quanto mais esse o reconhece, mais constrói formas de agir sobre o mundo, tornando-o um ser dinâmico à procura da verdade sobre os conflitos essenciais da existência humana: o ser, o saber e o fazer. Por isso o trabalho é algo constitutivo ao homem nesta ou em qualquer tipo de sociedade. Essa relação dialética entre ser social/natureza ocorre porque não há como modificar o que está a nossa volta sem modificar a nós mesmos, e vice-versa, transformação esta que se vincula sempre a subjetividade humana em constante evolução.

O ser humano para se desenvolver – comer, beber, vestir, etc. –, ou seja, para satisfazer as suas necessidades básicas, teve a necessidade de se aprimorar os meios para a realização destas, estes meios segundo Marx (1983), é condição *sine quo non* para toda a história da humanidade, pois é através do trabalho que o homem interage com a natureza extraindo dela o que se necessita para sobreviver e desta forma, constrói-se como ser social estabelecendo relações sociais no âmbito da produção e reprodução social, ou seja, ao mesmo tempo em que produz meios materiais reproduz também o espiritual.

A humanidade existe somente por meio das condições materiais e imateriais estabelecidas através das relações sociais determinadas historicamente como resultado do processo de produção capitalista. Desse concedido modo de produção se emolduram não só as mercadorias em si produzidas para satisfação de necessidades básicas, mas também, todas as ideologias e seus complexos como os modos de ser, agir, sentir, os valores e representações de uma sociedade, ou seja, toda relação social é produto da atividade social desta dada produção capitalista, ocultando nas relações antagônicas todo o processo que as perpassam.

Compreendendo o trabalho como modo de ser socialmente determinado, o qual tem sua origem no seguimento de autoconstrução do ser social, entende-se que as essenciais competências de sua existência é o que faz dele autor e produto de si mesmo, ou seja, há uma ruptura na forma do ser, há uma ruptura ontológica, porém sem o salto o novo ser não se formaria. É exatamente a partir do salto ontológico que há a diferenciação do ser humano com os outros animais, tornando-se ser racional, consciente, criativo, livre, percebendo-se claramente a presença da atividade teleológica.

O processo de trabalho é concluído quando o produto é constituído em valor-de-uso por meio do trabalho despendido sobre o objeto. Assim, a valorização do capital se dá a partir da imensa acumulação e produção de mercadorias (produto do trabalho que possui a finalidade de satisfazer uma carência, necessidade ou desejo humano).

O processo de trabalho, quando ocorre como processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista, apresenta dois fenômenos característicos. O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida em que o trabalho se realize de maneira apropriada e em que se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho de modo que só se gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho. Além disso, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor diário da força de trabalho. Sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria – por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia – pertence-lhe durante o dia. [...] O processo de trabalho é um processo entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem (MARX, 2011, p. 219).

Podemos dizer então, que o processo de trabalho varia de acordo com as condições estabelecidas e determinadas das relações sociais vigentes, transformando a exploração do trabalhador – produtor de valor excedente – como categoria fundante desta relação social que precisa existir para reproduzir as desigualdades consequentes dos antagonismos do processo de produção capitalista fazendo com que todo esse processo para o trabalhador se resulte em alienação, em estranhamento frente ao resultado do seu trabalho. Assim, desse processo de valorização das coisas e desvalorização dos homens nas relações de produção, obtêm-se relações invertidas onde estas relações humanas reificam-se em relações entre mercadorias.

Harry Braverman (1987), em *Trabalho e capital monopolista*, partindo de Marx, construiu um estudo sobre as mudanças do processo de trabalho na fase do capitalismo monopolista, com maior destaque para a racionalização da organização do trabalho com a incessante aplicação da gerência<sup>4</sup>, da tecnologia na atividade produtiva e econômica e, do acelerado aumento do setor de prestação de serviços. Em outras palavras, o capitalismo monopolista passou a produzir e consumir praticamente tudo na forma de mercadoria, inclusive, os serviços e, criou a necessidade de expandir as inevitáveis e imediatas atividades estatais.

No seio das nações capitalistas, miséria e insegurança tornaram-se aspectos mais ou menos permanentes da vida social, e aumentaram para além da capacidade das filantropias privadas de contratá-las. Uma vez que essas e outras fontes de descontentamento são concentradas nas grandes cidades e, ao persistirem sem melhoria, ameaçam a própria existência da estrutura social. O governo intervém para manter a vida e aliviar a insegurança. Com a rápida urbanização da sociedade e o aceleramento do ritmo da vida econômica e social, a necessidade

---

<sup>4</sup> “Em todas essas atividades, o desenvolvimento do capital transformou a função operante do capitalista de uma atividade pessoal a um trabalho de uma multidão de pessoas. A função do capitalista é representar o capital e ampliá-lo. Isso é feito ou pelo controle da produção do valor excedente nas indústrias e atividades produtivas, ou pela apropriação dele de fora daquelas indústrias e atividades. O capitalista industrial, o fabricante, é um exemplo do primeiro; o banqueiro exemplifica o segundo. Essas funções gerenciais de controle e apropriação tornaram-se por si mesmos processos de trabalho. São controladas pelo capital do mesmo modo ele executa os processos de trabalho da produção: com trabalho assalariado comprado em larga escala no mercado de trabalho e organizados em imensas máquinas ‘de produção’ de acordo com os mesmos princípios que governam a organização do trabalho na fábrica” (BRAVERMAN, 1987, p. 255-6).

Essa avaliação alicerça a importância do significado do processo de trabalho no setor de serviços na concretude da astúcia do próprio capitalismo, principalmente, do processo de trabalho do Serviço Social, inserindo-o nesta dinâmica dos serviços, pois as relações determinadas entre os principais sujeitos na esfera da produção e, todo antagonismo que se engendra da relação entre capital e trabalho, também compõe as múltiplas expressões na esfera da reprodução social. Com esses novos arranjos, o processo de trabalho no setor de serviços se configura num ajustamento nos padrões de organização da produção, fazendo com que se instituem novos processos sócio-ocupacionais concomitantemente favorecendo a fragmentação, a desqualificação, a transformação do trabalho complexo para o trabalho simples, nas delegações de tarefas, na perda de conhecimento/domínio de seu trabalho e em trabalhadores polivalentes.

E é nesse momento, do chamamento do Estado para atuar nas mediações dos conflitos do processo de trabalho e de todas as mazelas oriundas da desigualdade da relação capital e trabalho que o Serviço Social<sup>5</sup> se gesta como mais um membro do aparato estatal.

## 2.2. Precarização e alienação no trabalho docente

É a partir de uma análise teórico-metodológica do Serviço Social em sua vertente marxista, a qual faz a leitura do significado social da profissão no processo de produção e reprodução das relações sociais, que se constituem e desenvolvem o caráter da prática profissional no âmbito das próprias relações de poder na sociedade e da divisão social e técnica do trabalho.

A profissão é resultado de condicionantes históricos determinados que se consolida na execução de políticas sociais, no atendimento à demandas e necessidades

---

<sup>5</sup>- “O desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais engendradas nesse processo determinam novas *necessidades sociais* e *novos impasses* que passam a exigir *profissionais especialmente qualificados* para o seu atendimento, segundo os parâmetros de ‘racionalidade’ e ‘eficiência’ inerentes à sociedade capitalista. O Serviço Social se gesta e se desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por pano de fundo o *desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana*, processos esses aqui apreendidos sob o ângulo das novas classes sociais emergentes – a constituição e expansão do proletariado e da burguesia industrial – e das modificações verificadas na composição de grupos e frações de classes que compartilham o poder de Estado em conjunturas históricas específicas. É nesse contexto, em que se afirma a hegemonia do capital industrial e financeiro, que emerge sob novas formas a chamada ‘questão social’, a qual se torna a base de justificação desse tipo de profissional especializado” (IAMAMOTO, 2013, p. 83).

sociais viabilizando acesso a essas políticas e propondo e agindo com projetos interventivos socioeducativos a fim de proporcionar condições de emancipação, organização e resistência.

Nesse sentido, o profissional de Serviço Social atua no campo de prestação de serviços<sup>6</sup> por ser um trabalhador intelectual, especializado, coletivo. O assistente social ao vender a sua força de trabalho aos organismos empregadores, afirma-se como um trabalhador assalariado inserido na divisão sócio-técnica do trabalho e, embora obtendo relativa autonomia na consumação do seu fazer profissional, o assistente social submete-se aos contratantes em relação à organização da sua atividade. E mesmo nessa contraditória relação, ainda é possível o assistente social redirecionar o sentido de suas ações para destinos sociais diferentes daqueles que foi contratado a executar, como por exemplo, atuar com qualidade, eficiência e comprometimento no processo de formação de assistentes sociais em universidades.

Compreender o Serviço Social como uma especialização do trabalho na sociedade, inscrita na divisão social e técnica do trabalho social, faz-se necessário destacar que ele não se encontra isento dos impactos da transformação do mundo do trabalho, da reestruturação produtiva e nem da ofensiva neoliberal que atingem não só o profissional que está na efetivação das políticas públicas, mas também aqueles que estão no campo da formação.

Sabemos que o trabalho é categoria fundante para a existência da vida humana num constante processo de humanização, porém, por outro lado, há a possibilidade de examinarmos ponderadamente que este mesmo trabalho transforma-se, na sociedade capitalista, em trabalho alienado, exteriorizado, estranhado por ter se tornado condição de subsistência, mercadoria. Há uma desumanização do trabalhador frente ao resultado de sua atividade produzida, pois não o reconhece como algo que o satisfaça, mas sim, algo que o degrada fazendo com que todo esse processo para o trabalhador se resulte em alienação, em estranhamento frente ao resultado do seu trabalho.

Assim, desse processo de valorização das coisas e desvalorização dos homens nas relações de produção, obtêm-se relações invertidas onde estas relações humanas

---

<sup>6</sup>- "Não resta dúvida de que o trabalho do assistente social tem um efeito nas condições *materiais e sociais* daqueles cuja sobrevivência depende do trabalho. Em outros termos, tem um efeito no *processo de reprodução da força de trabalho*, que é a única mercadoria que ao ser colocada em ação, ao realizar trabalho, é fonte de valor, ou seja, cria mais valor que ela custou. É ela que está no *centro do segredo da criação da riqueza social* na sociedade capitalista. E o Serviço Social interfere na reprodução da força de trabalho por meio dos serviços sociais previstos em programas, a partir dos quais se trabalha nas áreas de saúde, educação, condições habitacionais e outras. Assim, o Serviço Social é socialmente necessário porque ele atua sobre questões que dizem respeito a sobrevivência social e material dos setores majoritários da população trabalhadora. Viabiliza o acesso não só a recursos materiais, mas as condições implementadas incidem sobre as condições de sobrevivência social dessa população. Então, não resta dúvida de que o Serviço Social tem um papel no processo de reprodução material e social da força de trabalho, entendendo o processo de reprodução como o movimento da produção na sua continuidade" (IAMAMOTO, 2012, p. 67).

reificam-se em relações entre mercadorias, pois no processo de produção capitalista, essas condições e relações que são determinadas por condicionantes históricos de um dado modo de produção não transformam somente as coisas materiais, mas, moldam os valores, as representações, o modo de ser e de existir todos regulados ao modo de produzir, fazendo com que sejam encobertos os antagonismos que permeiam as relações. Desse modo, a produção social, transforma-se em relação social entre classes sociais, entre pessoas que determinam toda a dinâmica do processo da vida social em todas as esferas da sociedade.

Para Marx, o conceito de alienação refere-se ao estranhamento da interação do homem com a natureza e suas expressões na construção de sua humanidade que, a partir das categorias centrais que define a sociedade humana sustentada na produção e reprodução dos homens sobre bases materiais, foi apropriada historicamente de forma desigual.

Nesse sentido, nas transformações do mundo do trabalho na contemporaneidade, é possível identificar o processo de alienação do trabalho docente acentuado pela flexibilização e precarização como forma de dominação do neoliberalismo intrinsecamente relacionada aos fatores da Contrarreforma da Educação Superior no Brasil com a expropriação do conteúdo intelectual/científico do trabalho docente como objetivo de estratégias de desqualificação, limitação da capacidade crítica emancipatória e controle social via consenso.

A busca pela efetivação e fortalecimento do projeto ético-político profissional vem sofrendo impactos na conjuntura vivenciada nas universidades, pois a educação hoje está subordinada à acumulação do capital que compromete a qualidade do ensino superior e sua função pública. Essa fragilização no ensino superior tem gerado vínculos frágeis e precários para alguns profissionais.

Percebe-se que, a partir do momento em que a universidade é convertida em organização social, ela orienta-se de acordo com a lógica do mercado, que valoriza o quanto se produz, em quanto tempo e qual o custo do que é produzido. A materialização dessas exigências torna-se expressa por meio das demandas de produtividade para os docentes quanto à publicação de livros e artigos; redução das pesquisas; diminuição dos concursos públicos e aumento da contratação de professores substitutos; privatização dos cursos de pós-graduação; formação aligeirada; ampliação e consolidação dos cursos em modalidade a distância (EAD) e, claro, a chegada e o estabelecimento das fundações.

O atrelamento da formação universitária ao mercado e aos interesses do capital compromete o modelo de ciência no que se refere ao processo de produção do conhecimento, ao produto, ao resultado e ao financiamento. A

necessária autonomia da ciência diante dos interesses do capital fica subsumida aos interesses das empresas privadas que as financiam por meio de parcerias, com vistas ao treinamento daqueles já inseridos no mercado de trabalho (GUERRA, 2013, p. 244).

De acordo com Netto (1996), é importante destacar que tem ocorrido uma mudança significativa no perfil dos alunos do curso de Serviço Social que cada vez mais são recrutados a partir de uma camada social média baixa, o que leva, por consequência, a um empobrecimento cultural. Já para Guerra (2010), o mesmo vem ocorrendo com relação aos docentes; devido à precarização da formação e das condições de trabalho, o perfil docente tem se modificado de forma considerável. Em ambos os aspectos, ocorre o impacto no projeto ético-político, já que a não apropriação deste e de seus princípios promove a fragilização da perspectiva hegemônica.

Além dos elementos já apresentados, é importante destacar duas questões que Guerra (2015) apresenta acerca das dificuldades da realização do projeto ético-político no atual cenário: 1º- de natureza **material-concreta**: em relação ao mundo burguês, sua organização e sua sociabilidade reproduzidas na estrutura e na dinâmica da vida cotidiana; 2º - é de ordem **teórico-intelectual**: há uma necessidade do “desvelamento da ideologia dominante e a formação de um sujeito que seja capaz de interpretar adequadamente os princípios, valores e direção estratégica deste projeto”, além de saber intervir e operacioná-lo a partir dos princípios nessa realidade tão adversa (GUERRA, 2015, p. 64).

Em relação as mudanças no mercado de trabalho e nos espaços sócio-ocupacionais, aqui representados pelo trabalho docente<sup>7</sup>, exige-se um determinado perfil de profissional. Para Guerra (2010), se tem mantido inserido no mundo do trabalho aquele trabalhador que se adapta aos processos de precarização e às constantes perdas do/no trabalho. O trabalhador que oferece resistência à precarização e à perda de direitos não é interessante ao mercado, e sim aquele que ainda se mantém. Portanto, está em curso uma nova cultura do trabalho, direcionada para a adaptação às formas “flexíveis” de contratação e de um perfil de trabalhador ainda mais passivo.

Dadas as suas características e os traços próprios da cultura profissional, a configuração deste ensino: aligeirado, produtivista, tecnicista, empirista, restrito ao mercado de trabalho, flexível, desprofissionalizante, relativamente barato, utilizando apostilas sem qualidade, reduzindo à preparação para o mercado e ao treinamento de competências, tende a forjar um perfil eminentemente instrumental. A depreciação da formação profissional tem atraído muitos dos que julgam “quase” assistentes sociais (trabalhadores na

---

<sup>7</sup>- De acordo com Guerra, “também é importante dizer que a formação é um espaço de trabalho do assistente social que recebe o impacto dessa conjuntura e a impacta, responde e resiste a ela” (GUERRA, 2010, p. 728).



área de serviços, agentes comunitários, primeiras damas, políticos em geral), os quais supondo que lhes falta o título, já que supõem aptos a realizar “tarefas” que cabem aos assistentes sociais, restringirem-se a uma escolha leviana da instituição de ensino, buscando um ensino ligeiro, barato, simples e superficial. Disso resulta a formação de pobres profissionais que irão trabalhar com pobres, permitindo-nos inferir que a precarização da educação, que incide sobre formação de assistentes sociais, baseia-se na mesma lógica de precarização das políticas sociais (GUERRA, 2013, p. 248).

Por fim, observa-se que as novas modalidades de produção e reprodução do capital se expressam na *particularidade prático-profissional do Serviço Social*<sup>8</sup> em suas diversas dimensões, a exemplo do mercado de trabalho profissional. São através dessas modalidades que o mercado passa a exigir a reciclagem de procedimentos operativos e também determinar novas requisições técnicas, éticas e políticas, ou seja, constituem diferentes demandas para a profissão. Nesse caminho, é que localizamos a “criação” de um determinado perfil de docente, adaptável ao modelo de educação vigente, com formação aligeirada e sem apropriação, não só, do projeto ético-político, mas de todas as dimensões da profissão e do pensamento crítico marxiano (GUERRA, 2010, p. 724).

### **3. CONCLUSÃO**

Analisar de forma preliminar sobre a categoria trabalho e o processo de trabalho do Serviço Social no contexto da contemporaneidade, enseja à reflexão e criação de métodos para enfrentar as fragilidades da relação contraditória entre a precarização do ensino superior e a materialização do projeto ético-político da profissão.

Assim, ao questionarmos as circunstâncias do trabalho docente, é de fundamental importância articular com as mudanças do mundo do trabalho, com os espaços sócio-ocupacionais dos assistentes sociais e com a acometida neoliberal que impactam profundamente nas exigências do seu fazer profissional.

No entanto, é sabido que com a existência de classes sociais antagônicas oriundas pela égide do capital determinadas através da hegemonia da burguesia, a materialização do projeto ético-político do Serviço Social torna-se um árduo e contínuo obstáculo postos frente esses profissionais. Porém, questionar tais condições constrói alternativas para os enfrentamentos causados pela fragmentação e precarização do trabalho docente.

### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

<sup>8</sup> - Grifo nosso.

ALMEIDA, Ney Luiz T. de. Considerações iniciais para o exame do processo de trabalho do Serviço Social. *Serviço e Sociedade*. São Paulo, Cortez, ano XVII, n. 52, dez. 1996.

ALMEIDA, Ney L. T. de & ALENCAR, Mônica Maria T. de. *Serviço Social, trabalho e políticas públicas*. São Paulo: Saraiva, 2011.

ANTUNES, Ricardo. *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. A degradação do trabalho no século XX. 3. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GUERRA, Y. Sobre a possibilidade histórica do projeto ético-político profissional: a apreciação crítica que se faz necessária. In: FORTI, V.; GUERRA, Y. (orgs.). *Projeto ético-político do Serviço Social: contribuições à sua crítica*. Coletânea Nova do Serviço Social, Editora Lumes Juris, Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. Formação profissional em Serviço Social: polêmicas e desafios. In: SILVA, J.F.S.; SANT'ANA, R.S.; LOURENÇO, E.A.S. *Sociabilidade Burguesa e Serviço Social*. Coletânea Nova de Serviço Social, Editora Lumes Juris, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. A formação profissional frente aos desafios da intervenção e das atuais configurações do ensino público, privado e a distância. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, nº 104, p. 715-736, out./dez., 2010.

HARVEY, David. *Para entender O capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, R. *Relações sociais e serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 38º ed.; São Paulo: Cortez, 2013.

IAMAMOTO, Marilda Villela. *O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 23ª ed. –São Paulo: Cortez, 2012.

MARX, Karl. *Capítulo Inédito D'o Capital: resultados do processo de produção imediato*. Porto: Publicações Escorpião, 1975.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da economia política*. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, Coleção Clássicos, 2003.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da Economia Política: livro I*. 28ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

NETTO, J.P. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, ano XVII, nº. 50, p. 87-132, abr., 1996.

PASSOS, Rachel Gouveia. Retratos do Serviço Social: dilemas da categoria trabalho no debate contemporâneo. *Revista UCPEL*, v. 20, n. 2. (2014).

VIEIRA, Denise. *Alienação no trabalho docente? O professor no centro da contradição*. Salvador: Quarteto, 2015.